

Resumo

A presente investigação teve como objectivo estudar a representação social da psicanálise perante os cidadãos portugueses. Utilizou-se um Questionário sócio-demográfico sobre a Percepção da Representação Social da Psicanálise. Foi analisada uma amostra de conveniência, constituída por 275 indivíduos (cidadãos portugueses), 167 mulheres e 108 homens, com idade média de 31.79. Concluiu-se que os portugueses já ouviram falar da psicanálise, mas não sabem ao certo o que ela é. Recorrem pouco ao tratamento psicanalítico, confundindo-o muito frequentemente com tratamento psicológico, o que parece indiciar alguma confusão entre a representação social da Psicanálise e da Psicologia.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicologia, Portugal e Representação Social.

Abstract

The main aim of the present study is to undertake preliminary research into the social representation of psychoanalysis in Portugal. A Socio Demographic Questionnaire was applied to a universe of 275 Portuguese citizens, chosen at random (167 women and 108 men, with an average age of 31.79). In short, the research shows that Portuguese people already have some awareness of Psychoanalysis but have little idea of what it involves, making infrequent use of treatment. They seem to have difficulty in distinguishing between Psychoanalysis and Psychology.

Key words: Psychoanalysis, Psychology, Portugal and Social Representation.

Résumé

Ce travail de recherche a eu comme principal objectif étudier la représentation sociale de la psychanalyse chez les citoyens portugais. Elle s'est servie d'un Questionnaire socio-demographique sur la Perception de la Représentation Sociale de la Psychanalyse. Fut analysé un échantillon constitué par 275 individus (citoyens portugais), 167 femmes, 108 hommes, avec un âge moyen de 31.79. On a conclu que les portugais ont déjà entendu parler de Psychanalyse, mais qu'ils ne savent pas très bien de quoi il s'agit. Ils recourent très peu au traitement psychanalytique, qu'ils confondent souvent avec le traitement psychologique, ce que signale une certaine confusion entre la représentation sociale de la Psychanalyse et celle de la Psychologie.

Mots-clés: Psychanalyse, Psychologie, Portugal, Représentation Sociale.

Introdução

O estudo preliminar que o n.º 3/4 de *Afreudite* apresenta constitui uma breve auscultação relativamente à representação social que os portugueses têm da Psicanálise.

A pergunta que um dia Antonieta Lopes da Costa colocou a José Martinho (Martinho, 2005), podia ser também a pergunta de partida deste estudo, e introduzir, de alguma forma, a questão nos seguintes termos: «Como é que vai a Psicanálise em Portugal?»

A resposta a esta pergunta tem de ser naturalmente múltipla, segundo os diversos ângulos ou domínios da questão, visto que a Psicanálise, inicialmente um método de tratamento de certos sintomas que permaneciam inabordáveis pela medicina da época, bem como um corpo de hipóteses e de conhecimentos teóricos associados a esse tratamento, rapidamente se expandiu, alargando o seu âmbito de acção e de influência.

Por isso, importa começar por desdobrar a questão segundo, pelo menos, três eixos fundamentais: o ponto de vista *histórico*, ou seja, qual o passado, o presente e o futuro da Psicanálise em Portugal; o ponto de vista *clínico-terapêutico*, tanto na sua dimensão prática como teórica; o ponto de vista *sociocultural*, isto é, o modo como a Psicanálise conseguiu ou não implantar-se na sociedade e cultura coevas, influenciando ou atravessando outros campos do saber e outras práticas, para além do seu âmbito estrito, como um verdadeiro acontecimento cultural, segundo o que era já o desígnio e a esperança de Freud.

Uma outra forma, igualmente possível, de colocar a questão seria inverter a perspectiva: em vez de perguntar como é que vai a Psicanálise em Portugal, segundo os diversos pontos de vista referidos, perguntar antes como é que vai Portugal, segundo a Psicanálise e os psicanalistas portugueses que reflectiram, de um modo ou de outro, sobre o assunto. Aqui, poderíamos estabelecer uma diferença entre os psicanalistas propriamente ditos e aqueles que, sem serem psicanalistas, invocam a Psicanálise, de uma forma ou de outra, a fim de os ajudar a clarificar e entender melhor alguns dos aspectos ou traços característicos da nossa maneira de ser enquanto portugueses. (Malpique, 1990; Figueiredo, 1991).

Do ponto de vista histórico, mesmo se está ainda por fazer uma verdadeira História da Psicanálise em Portugal (Martinho, 2001), o livro de Pedro Luzes, *Cem Anos de Psicanálise* (Luzes, 2002), é de certa maneira incontornável.

Pedro Luzes é um nome eminente e que faz parte integrante da história da Psicanálise no nosso país. Tendo estabelecido residência na Suíça, nos anos 50, acabaria por ser um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e introdutor, em Portugal, da orientação kleiniana. Após o congresso de psicanalistas de língua românica de Lisboa, ocorrido em 1968, os analistas de orientação kleiniana tornaram-se também bionianos, coexistindo actualmente as várias tendências.: freudiana, kleiniana, bioniana. Lacan, mesmo se citado por alguns analistas da Sociedade Portuguesa de psicanálise, é ainda um tanto ou quanto relegado para fora desta lista.

Fazendo parte da história da Psicanálise que começou a escrever-se em Portugal após os anos 50, é natural que Pedro Luzes se tivesse interessado em escrever a sua própria versão da história, fazendo-se acompanhar, para isso, de um conjunto de nomes ilustres que de forma mais ou menos directa tiveram algo a ver com essa história. O resultado é uma antologia de textos sobre Psicanálise, com interesse não só para a história do seu desenvolvimento entre nós, como para a história da cultura em Portugal, no que esta foi tocada, de um modo ou de outro, pela invenção freudiana.

A história que aqui se escreve tem no Abade Faria (José Custódio de Faria) um antecedente «pré-histórico». Ele é, no dizer de Pedro Luzes, um precursor da Psicanálise, na medida em que esta, nos seus primórdios, esteve ligada à hipnose. O nosso compatriota, nascido em Goa e tendo-se tornado mais tarde, em Paris, discípulo dos «magnetizadores» (como então se chamavam), foi o verdadeiro iniciador da teoria sugestiva ou psicológica do hipnotismo ou «sono lúcido» (segundo a expressão que ele usava para designar o fenómeno), tendo sido depois reconhecido por Liébault e Bernheim ou até por escritores como Alexandre Dumas. Do ponto de vista técnico, pode considerar-se como um autor bastante avançado, tendo sido o primeiro a servir-se de técnicas verbais («concentre-se», «durma») com vista à indução do sono.

Mais perto de nós, mas ainda dentro do período que Pedro Luzes designa como a pré-história do desenvolvimento da Psicanálise em Portugal, há sobretudo dois nomes a reter: Egas Moniz, futuro prémio Nobel da Medicina, e Sobral Cid, professor de Psiquiatria que, em meados dos anos 20, começa a interessar-se e a publicar trabalhos de incidência analítica, como *A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos* (1924), onde sublinha a proximidade dos seus pontos de vista relativamente a Bleuler e Freud.

O caso de Egas Moniz é duplamente interessante: não só porque ele foi o primeiro a falar de Freud no nosso país, por exemplo na lição inaugural do Curso de Neurologia intitulada *As Bases da Psicanálise* (1915), mas igualmente porque chegou mesmo a aplicar o método psicanalítico em dois casos clínicos, utilizando para isso o divã e fazendo uso da associação livre e da análise de sonhos (*O Conflito Sexual*: 1921). Sabemos também que Egas Moniz aplicou a Psicanálise a dois conhecidos casos da nossa literatura: Júlio Dinis (1924) e Camilo (1925).

Que a Psicanálise se tenha interessado pela literatura (tal como por outros fenómenos culturais) ou que a literatura se tenha sentido atraída pela Psicanálise, se bem que as suas relações nem sempre fossem pacíficas, não é novidade. Em Portugal, a par de Fernando Pessoa, que nutria uma certa ambiguidade para com Freud e a Psicanálise, e Gaspar Simões, que se envolveu com o primeiro numa controvérsia para determinar se a Psicanálise era ou não adequada para abordar *o Mistério da Poesia* (título de um livro seu), temos que acrescentar, tal como o havia feito Pedro Luzes, pelo menos mais um distinto nome: David Mourão Ferreira. Sendo, em conjunto, autores de grande visibilidade sociocultural, todos eles constituem um índice da aceitação ou importância da Psicanálise entre nós.

Mas só após os anos 50, através de um conjunto de iniciativas, acontecimentos e nomes, de que fazem parte Francisco Alvim e o próprio Pedro Luzes, João dos Santos, António Coimbra de Matos, Jaime Milheiro, Carlos Amaral Dias, entre outros, é que se pode dizer que a psicanálise entrou progressivamente na sua própria «história».

Hoje, podemos perguntar se ainda é razoável falar de um percurso único da Psicanálise em Portugal quando outras orientações (como a lacaniana, por exemplo) têm vindo entretanto a desenhar-se, desde há alguns anos, ainda que de forma ténue, no panorama psicanalítico português (os casos de José Martinho, presidente da Antena do Campo Freudiano, ou de

Maria Belo, do Centro Português de Psicanálise, são outro exemplo claro dessa diversidade. Resta esperar que estas orientações possam, apesar de tudo, dialogar. O futuro da Psicanálise em Portugal passa também, estamos em crer, por essa capacidade de diálogo.

Vale a pena reproduzir, a este respeito, a pergunta que José Martinho endereçou a Pedro Luzes, no final da sua intervenção nas Jornadas comemorativas dos *Cem anos sobre o sonho “a Injecção dada a Irmã”*, organizadas pelo Centro de Estudos de Psicanálise, na Universidade Lusófona, em 27 de Maio de 2005 (Luzes, 2002): «Eu gostaria de perguntar como é que Pedro Luzes vê o futuro da psicanálise através desse cisma (fruto da ruptura que introduziu no movimento psicanalítico internacional o ensino de Lacan), desta divisão profunda que há. Durante muito tempo houve um contencioso histórico de debates impossíveis? A prova, como esta Jornada de certo modo mostra, é que há a possibilidade, de facto, de ter à mesma mesa, no mesmo dia, um certo número de psicanalistas com orientações diferentes.»

Na mesma linha vão os Encontros sobre o *Ensino da Psicanálise na Universidade – Formação e Investigação Científica*, organizados pelo Instituto Miguel Torga de Coimbra (2004) e a Universidade Lusófona (2005), onde foi possível reunir, à mesma mesa, psicanalistas (e não só) de orientações diversas, como: Carlos Amaral Dias, Carlos Farate, José Martinho, entre outros.

Consideramos que nos *Cem Anos de Psicanálise*, obra muito completa de Pedro Luzes, há pelo menos um nome em falta: Silvio Lima. Com efeito, se considerarmos os diversos usos da Psicanálise, não apenas na sua dimensão terapêutica, dentro de muros, por assim dizer, mas também extra-muros, no que é tradicionalmente designado, não sem algum equívoco e falta de clareza, como «Psicanálise aplicada», o nome de Silvio Lima apresenta-se como incontornável. Na verdade, ele é um dos pioneiros, em Portugal, a par de Fernando Pessoa ou de João Gaspar Simões (Martinho, 2001), na aplicação – ou na crítica de uma tal aplicação – da Psicanálise a outros fenómenos que não o sintoma neurótico ou psicótico.

Na apresentação da sua candidatura para concurso a professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Silvio Lima elabora, ao longo de seis anos de trabalho, uma dissertação subordinada ao tema: *O Amor Místico – Noção e valor da experiência religiosa* (Lima, 2002). Nesta obra, único volume publicado de três inicialmente previstos, o autor interroga-se

sobre a natureza do fenómeno religioso em geral e, mais particularmente, sobre uma das suas manifestações: o amor místico. Na medida em que Deus, o Verbo, é amor – como se diz nos textos sagrados – poder-se-á identificar ou reduzir o amor religioso ao amor sexual, como pensam alguns? A investigação de Sílvio Lima pretende, precisamente, responder a essa mesma problemática.

De notar que as diversas perspectivas sobre o assunto eram, ao longo daquela dissertação, reduzidas fundamentalmente a duas tendências interpretativas do fenómeno místico-religioso: uma que tende a «sexualizá-lo» (apresentada sob o nome genérico de «teoria erotogénica do misticismo»), outra, a «dessexualizá-lo». Freud e a Psicanálise são convocados como fazendo parte da primeira tendência. Derivará o amor religioso do amor sexual por «recalcamento», «transferência» ou «sublimação», ou, pelo contrário, terão ambos os fenómenos raízes diferentes? Sílvio Lima acabará por responder cabalmente, no que é a sua tese nuclear: «o fenómeno religioso não se reduz ao fenómeno sexual».

Daqui se segue uma crítica da teoria freudiana, não porque esta seja desprovida de fecundidade em certos aspectos, mas antes pelo seu carácter pretensamente redutor do fenómeno em estudo, bem como do seu exagero interpretativo sobre o mesmo. A posição de Sílvio Lima sobre Freud e a Psicanálise é, neste aspecto, ambígua (fazendo lembrar, por exemplo, as posições de Fernando Pessoa ou Wittgenstein): ao mesmo tempo que critica os seus exageros ou o carácter monolítico das suas interpretações, perante uma realidade viva, fugidia e complexa que não se deixa reduzir facilmente a fórmulas únicas e gerais, pensa igualmente que ela pode lançar novas e inesperadas luzes sobre alguns aspectos do fenómeno em estudo. Aliás, como ele próprio diz, «uma coisa é Freud, outra, o freudismo», querendo com isso sublinhar que os «exageros interpretativos» se devem mais aos seus seguidores do que ao mestre de Viena, ele próprio.

Contra esta tendência de encerrar todo o processo numa «fórmula geral única» (pansexualismo) – mesmo se temos a sensação de que Sílvio Lima não se libertou por completo da associação vulgar, pré-freudiana, entre sexualidade e genitalidade –, o autor propõe que nem todo o fenómeno religioso, e místico em particular, seja sexual, sendo este apenas «um pequeno distrito no vasto império do sensual», e, da mesma forma, «se todo o prazer sexual é prazer, nem todo o prazer é prazer sexual» (Lima, 2002).

Uma outra questão já aflorada e igualmente pertinente seria a de saber se hoje em dia ainda faz sentido falar da «História da Psicanálise», no singular, ou se seria mais ajustado pluralizar a expressão, uma vez que a própria psicanálise se disseminou em diversas orientações (freudiana, kleiniana, bioniana, lacaniana, entre outras), segundo diferentes modos de receber, operacionalizar e transmitir o legado freudiano. Em Portugal, também os ecos dessa pluralização acabaram por se fazer sentir, em maior ou menor grau, no restrito meio de escritores e dos especialistas que temos vindo a referir.

Seja como for, em Portugal, a Psicanálise tem conseguido – como era já o desejo de Freud – extravasar para fora dos muros e imiscuir-se em outros domínios: umas vezes para ser criticada e outras (ab)usada, mas também para mostrar o seu carácter pertinente e fecundo. São dois exemplos disso, entre nós – ainda que não sejam os únicos – a literatura e o pensamento, nomeadamente de cariz filosófico.

No primeiro caso, é clássica a controvérsia entre Fernando Pessoa e João Gaspar Simões acerca da capacidade ou não da Psicanálise para apreender a natureza do «mistério» da poesia, nomeadamente pessoana, mas também as diversas aplicações da Psicanálise ao fenómeno literário, tanto na sua dimensão criativa como crítica, como foram os casos, por exemplo, de Egas Moniz e de Júlio Diniz, ou, mais recentemente, de Eduardo Prado Coelho com os seus *Universos da Crítica* (Prado Coelho, 1982).

No que diz respeito às relações entre a Psicanálise e o pensamento filosófico, para além do exemplo já apontado de Sílvio Lima, poderíamos dar, pelo menos, mais dois exemplos: Fernando Gil, com um texto *Aquém da Existência e da Atribuição: Crença e Alucinação* (Gil, 1998), onde são convocados, a par de algumas teses de Kant, Husserl e Wittgenstein, um conjunto de textos freudianos, nomeadamente *A denegação* (1925), bem como um número recente da Revista Portuguesa de Filosofia (Vila-Chã *et alii*, 2003), consagrado às «perspectivas de diálogo» entre a Psicanálise e a Filosofia.

Sobre este assunto, poderíamos dizer, em traços gerais, que os filósofos portugueses têm oscilado entre, pelo menos, três posições diferentes sobre o assunto: há aqueles que «denegam» o acontecimento da Psicanálise, como se ele não tivesse pura e simplesmente existido; há aqueles que «reagem» ou reagiram ao «trauma» que ela provocou, dando um passo atrás (a noções e ideias pré-freudianas) ou um salto em frente (como

se Freud estivesse ultrapassado); e há também os que julgam que Freud está perfeitamente «integrado», a tal ponto que já se perdeu a dimensão escandalosa ou traumática das suas propostas. Faz parte, digamos, do museu da história das ideias.

Qual é, sobre este assunto, a posição dos colaboradores deste número da Revista Portuguesa de Filosofia dedicado às relações – complexas, problemáticas, fecundas – entre a Psicanálise e a Filosofia? Quais as novas perspectivas de diálogo que aqui se abrem ou pretendem abrir?

As respostas são diversas, dada a proveniência, orientação e ângulo de abordagem dos vários autores em presença; todavia, o tom geral é positivo, estando eles sobretudo interessados em relevar a fecundidade e pertinência de certas noções ou conceitos emanados da Psicanálise (Freud, Lacan, entre outros), mesmo para lá do seu uso mais estritamente analítico.

Restringimo-nos aqui aos autores portugueses, pois eles são um dos indicadores da presença ou ausência da Psicanálise no nosso país, ainda que os colaboradores deste número da revista sejam de nacionalidades e instituições universitárias diversas.

Na introdução, João J. Vila-Chã (Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa) faz a apresentação dos diversos artigos e explica que é no seguimento de várias efemérides recentes relacionadas com o movimento psicanalítico (como o centenário do nascimento de Jacques Lacan, em 2001, ou o de Erich Fromm, em 2000) que a *Revista Portuguesa de Filosofia* decide dedicar um tema à relação entre a Filosofia e a Psicanálise. A ideia geral do seu artigo é que a Psicanálise ganhou um direito de cidadania entre as ciências do homem, ultrapassando o domínio estrito da patologia para cobrir numerosos campos do saber, tal como mostram os diversos artigos deste número.

Segue-se um texto de Irene Borges Duarte (Universidade de Évora) que revisita, filosófica e psicanaliticamente, os famosos «sonhos de Descartes».

Acílio Estanqueiro Rocha (Universidade do Minho) empreende, no seu texto, um retorno a Lacan, com vista à elucidação do «simbólico», recorrendo para isso às instâncias incontornáveis da «linguagem» e da «ética» e mostrando, finalmente, que esta, enquanto «ética do bem-dizer», coabita com a «estética».

Por último, Laura Ferreira dos Santos (Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho), mostra que a «ilusão» religiosa não

só não desapareceu, contrariamente à expectativa de Freud, como integrou até noções psicanalíticas (como o «desejo», por exemplo), renovando certos aspectos da religião com uma nova luz.

Como se vê por estes quatro exemplos, apesar de não serem representativos de todo o universo filosófico português, há boas perspectivas de diálogo entre a Psicanálise e a Filosofia. O futuro dirá até que ponto ou em que sentido elas se concretizarão

Mas a questão da presença (ou ausência) da Psicanálise em Portugal também se mede pela quantidade e qualidade das traduções (textos e autores fundamentais) e obras de referência (por exemplo, dicionários ou enciclopédias) disponíveis no nosso país. Neste aspecto, o panorama não é animador. Salvaguardando uma ou outra excepção, como o *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco e Plon, 2000) que, em boa hora, a Editorial Inquérito (com revisão científica de Carlos Amaral Dias) decidiu verter para português europeu (mantendo, no essencial, a tradução brasileira, com as devidas adaptações morfo-sintácticas e estilísticas), bem como alguns *Textos essenciais de psicanálise*, com selecção, prefácio, revisão científica e notas de José Gabriel Pereira Bastos, ou ainda as tentativas esboçadas, por exemplo, em torno da obra de Lacan, nomeadamente pela Editora Assírio e Alvim (Lacan, 1987, 1989), o que é certo é que falta traduzir muitas das obras de Freud (e o que está traduzido nem sempre tem uma qualidade aceitável), para já não falar de outros nomes fundamentais do panorama psicanalítico internacional, como sejam, a título de exemplo: o já referido Lacan, Mélanie Klein, Bion ou outros. Estamos, neste aspecto, bastante aquém do que se passa do outro lado do Atlântico, no Brasil, cujo panorama editorial psicanalítico é infinitamente mais fértil que o nosso. Mesmo se é proveitoso o conhecimento de outras línguas e a leitura dos textos, sempre que possível, na sua língua original, tal não pode servir de desculpa ou explicar inteiramente o que se passa.

É caso para perguntar se a Psicanálise, inicialmente uma presença *indiscreta* no mundo (e sobretudo em Portugal), que «primeiro se estranha e depois se entranha», parafraseando o poeta, não se terá convertido, com o tempo, numa presença *discreta*. Ou seja: parece legítimo que nos perguntemos agora de como vai a Psicanálise, enquanto representação social no universo que fala português.

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

Depois de alguns anos em que a Psicanálise influenciou bastante a Psiquiatria e a Psicologia portuguesa, parece que estas ciências deixaram de valorizar o discurso psicanalítico e fazem hoje pouco uso da técnica psicanalítica.

O último grande estudo feito sobre Psicoterapias em Portugal (Teste Saúde, Março/Abril de 2003; Lacerda, 2006) revela que a Psicanálise é procurada por 18,1 % dos portugueses que recorrem a apoio psicológico, depois dos 29,4% que optam por terapias cognitivo-comportamentais, longe dos 46,9 % que preferem tomar medicamentos. Estes números confirmam o que se passa geralmente no estrangeiro, nomeadamente em França (Van Rillare *et alii*, 2005; Miller, 2006).

A presente investigação incide sobre a representação social que os portugueses têm da Psicanálise. O único precedente é o estudo pioneiro de Moscovici (1961), no campo da Psicologia Social, sobre «A Psicanálise, a sua Imagem e o seu Público». Vala (2004) lembra o ambiente em que nasceu este interesse de Moscovici pela Psicologia Social: a França da década de 50, onde em apenas três anos (1953-1956) apareceram 230 jornais e revistas não especializadas, que publicaram cerca de 1600 artigos sobre a Psicanálise.

Moscovici publica, então, o seu trabalho sobre a apropriação da teoria psicanalítica por parte dos diferentes grupos sociais. Utilizando um questionário e elaborando a análise de conteúdos da imprensa, ele mostra como a Psicanálise foi transformada e utilizada pelo o homem comum. É ainda no quadro da análise deste mundo significativo que Moscovici propõe o conceito de «representação social». Podemos dizer, em síntese, que é a própria Psicanálise que vai ser indirectamente responsável por muitos dos estudos desta área de investigação.

Para terminar esta Introdução, reafirmamos que o presente estudo tem como principal objectivo auscultar os portugueses relativamente à representação social que a própria Psicanálise tem junto do homem comum, da correspondente difusão de informação mesmo que numa população letrada, passando pela respectiva formação de opiniões e atitudes até à categorização de construção de estereótipos sociais.

Eis um dos interesses (não o único) deste breve estudo, cujo método, dados, etapas e resultados, se apresentam e se discutem a seguir.

Método

Caracterização breve da amostra

A amostra foi recolhida entre Janeiro e Junho de 2005. Tratou-se de uma amostra de conveniência, composta por 275 indivíduos, portugueses, residentes na cidade de Lisboa.

Inicialmente, foi recolhido um total de 300 questionários, tendo-se eliminado 25 indivíduos, por não haverem preenchido o questionário de forma correcta (como indicado nas instruções). Nenhum indivíduo inquirido se recusou a participar.

Utilizaram-se como critérios de selecção da amostra os seguintes aspectos: indivíduos de ambos os sexos, cidadãos portugueses e indivíduos letrados que possuíssem idade entre os 19 e os 60 anos.

A amostra de 275 indivíduos foi constituída por 167 mulheres (%= 60.7) e 108 homens (%= 39.3) com idade média de 31.9 anos ($DP= 10.5$).

No que diz respeito à recolha dos dados, foi necessário proceder à realização de um questionário piloto (**Anexo**), pois o estudo proposto é inovador na população portuguesa. Após aplicação de 70 questionários, foi feita uma análise com a finalidade de criar o questionário definitivo.

Instrumento

O Questionário Sócio-demográfico é composto por perguntas fechadas, incluem os dados demográficos e a representação social da Psicanálise, nomeadamente informações acerca de diversas variáveis entre as quais: sexo, idade, estado civil, profissão, religião; se já teve algum problema psicológico; a quem recorreu ou a quem recorreria em caso de ter algum problema psicológico; se já ouviu falar em Psicanálise; em que contexto ouviu falar em Psicanálise; qual a palavra que associa a Psicanálise; se tem ideia do que é a Psicanálise; na opinião do participante, o que é a Psicanálise; se a Psicanálise pode ser considerada ciência; se existem diferenças entre a Psicanálise, a Psicologia, a Medicina geral e a Psiquiatria e quais os autores psicanalíticos de que já ouviu falar.

Procedimentos

A aplicação do Questionário foi efectuada por um grupo de 7 pessoas, voluntário e treinado para o efeito, com instruções de forma padronizada.

Após uma breve explicação relativa à aplicação do protocolo de avaliação foi solicitado a todos os inquiridos uma colaboração voluntária para este estudo sobre a representação social da Psicanálise em Portugal. Após uma também breve explicação sobre objectivo do estudo, e obtido o seu consentimento informado, os participantes preencheram o protocolo de investigação. A aplicação deste protocolo teve um tempo de preenchimento que variou de 10 a 15 minutos.

Foram garantidos os aspectos éticos relacionados com o anonimato, a confidencialidade e a liberdade de participação, tendo todas as dúvidas sido esclarecidas individualmente.

Os dados obtidos no Questionário foram introduzidos no *Microsoft Excel* tendo sido processados estatisticamente com recurso à aplicação SPSS 12.0 (*Statistical Procedures for Social Sciences, versão 12.0 para Windows*).

Resultados

Como consta na Tabela nº1, a primeira do capítulo dos resultados, queremos começar por dizer que no tocante ao estado civil dos participantes neste estudo, cento e quarenta e nove dos respondentes (%= 54.2) são solteiros e 112 (%= 40.7) são casados/união de facto, 12 (%= 4.4) são divorciados e 2 (%= .7) são viúvos.

Quanto à profissão, oitenta (%= 29.1) são estudantes, 13 (%= 4.7) são médicos, 12 (%= 4.4) são psicólogos, 63 (%= 22.9) são professores, 2 (%= .7) são artistas, 20 (%= 7.3) são engenheiros e 85 (%= 30.9) são trabalhadores por conta de outrem. Do total da amostra, cento e setenta e cinco (%= 64.6) são católicos, 5 (%= 1.8) são protestantes e 85 (%= 31.4) não têm religião.

No que respeita ao núcleo duro das questões apresentadas, ou seja sobre as questões mais directamente relacionadas com a problemática da representação social da Psicanálise, podemos referir que sessenta e três sujeitos (%= 23) afirmam já ter tido algum problema psicológico, 170 (%= 62) descrevem nunca terem tido problema psicológico e 41 (%= 15) não souberam definir se já tiveram ou não algum problema psicológico. Dos participantes

que referiram ter tido algum problema psicológico, trinta e oito (%= 13.9) não procuraram nenhuma ajuda, 31 (%= 11.3) pediram ajuda a psicólogos, 19 (%= 6.9) recorreram a psiquiatras e 10 (%= 3.6) dirigiram-se ao médico.

Quando perguntados a que profissional recorreria caso tivesse um problema psicológico, nove participantes (%= 3.3) não procurariam ajuda, 190 (%= 70.1) recorreriam ao psicólogo, 38 (%= 14) dirigir-se-iam ao psiquiatra, 20 (%= 7.4) iriam ao médico, 2 (%= .7) recorreriam as terapias naturais ou a religião e só 3 (%= 1.1) procurariam um psicanalista.

Duzentos e setenta respondentes (%= 98.5) afirmaram já ter ouvido falar em Psicanálise, enquanto que apenas 2 (%= .7) afirmaram não terem ouvido falar e só 2 (%= .7) não terem a certeza de que já tinham ouvido falar. Do universo dos participantes, cento e trinta e três respondentes (%= 48.7) ouviram falar de Psicanálise no contexto de sala de aula (estudantes), 44 (%= 16.1) ouviram falar em Psicanálise através da imprensa, 42 (%= 15.4) tiveram acesso a Psicanálise através de livros, 27 (%= 9.9) ouviram falar da através de um amigo e apenas 7 (%= 2.6) tiveram conhecimento da Psicanálise no contexto de tratamento.

Sessenta e sete participantes (%= 24.5) associam a Psicanálise à palavra Freud, 21 (%= 7.7) associam o psicólogo, 19 (%= 7) associam ao auto-conhecimento, 12 (%= 4.4) associam ao divã, 9 (%= 3.3) ao médico e 9 (%= 3.3) a tratamento. Quando associadas mais de uma palavra à Psicanálise, a percentagem da palavra Freud sobe para 46.5 %, psicólogo 23.8%, auto-conhecimento 22.3%, médico 7% e tratamento 16.2%.

Duzentos e doze (%= 77.1) participantes da amostra têm uma ideia do que é a psicanálise, 55 (%= 20) não têm a certeza do que é a Psicanálise e 8 (%= 2.9) não têm uma ideia do que é a Psicanálise.

Oitenta e cinco (%= 31) dos participantes acham que a Psicanálise é um meio de auto-conhecimento, 61 (%= 22.3) consideram que a Psicanálise é um método de tratamento psicológico, 39 (%= 14.2) pensam que a psicanálise é um método de tratamento psicológico. Porém, estes últimos respondentes consideram que se trata de um tratamento distinto da Psicologia e outros 34 (%= 12.4) têm a ideia de que a Psicanálise é um método de tratamento eficaz da saúde mental, 27 (%= 9.9) acham que a psicanálise é um método de tratamento eficaz da saúde mental, porém distinto da psicologia e 25 (%= 9.1) não têm opinião formada.

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

Cento e quarenta e um (%= 52.6) indivíduos da amostra têm a opinião de que a psicanálise é uma teoria com fundamento, 97 (%= 36.2) acham que a Psicanálise é uma ciência e 30 (%= 7.2) têm uma opinião mais negativa da Psicanálise (não é teoria, não é ciência e não tem fundamento).

À pergunta sobre se existe diferença entre Psicanálise e Psicologia, duzentos e vinte e cinco dos participantes (%= 84.9) responderam que sim, enquanto 40 (%= 15.1) responderam que não; À pergunta sobre se existe diferença entre Psicanálise e, Medicina e Psiquiatria, 233 (%= 90.3) responderam que sim e 25 (%= 9.7) responderam que não; e quando perguntados se existe diferença entre Psicanálise, medicina geral, 251 (%= 97.3) responderam que sim e 7 (%= 2.7) responderam que não; por outro lado quando questionados se existe diferença entre Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, 246 (%= 93.9) responderam que sim e 16 (%= 6.1) responderam que não; finalmente, quando perguntados se existe diferença entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, 250 (%= 96.2) responderam que sim e 10 (%= 3.8) responderam que não.

Duzentos e setenta e um (%= 98.5) respondentes referiram já ter ouvido falar em Freud, 85 (%= 30.9) já ouviram falar em M. Klein, 47 (%= 17.1) já ouviram falar em W. Bion, 60 (%= 21.8) já ouviram falar em D. Winnicott e 61 (%= 22.3) já ouviram falar em Lacan.

Esta estatística descritiva consta na já referida Tabela n.º1, que se segue:

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis nominais e ordinais dos dados demográficos.

	N	%
Estado Civil		
Solteiro	149	54.2
Casada/União de facto	112	40.7
Divorciado	12	4.4
Viúvo	2	.7
Profissão		
Estudante	80	29.1
Médico	13	4.7
Psicólogo	12	4.4
Professor	63	22.9
Artista	2	.7
Engenheiro	20	7.3
Outros	85	30.9
Religião		
Católica	175	64.6
Protestante	5	1.8
Nenhuma	85	31.4
Outra	6	2.2
Já teve algum problema psicológico?		
Sim	63	23
Não	170	62
Não tenho a certeza	41	15
Se sim, a quem recorreu para o tratamento		
Ninguém	38	13.9
Psicólogo	31	11.3
Psiquiatra	19	6.9
Médico	10	3.6
Outro	1	.4
Não se aplica (não teve problema psicológico)	175	63.5
Se algum dia tivesse que recorrer a um tratamento devido a um problema psicológico, a quem recorreria?		
Ninguém	9	3.3
Psicólogo	190	70.1
Psiquiatra	38	14
Médico	20	7.4
Parapsicólogo/terapias naturais	2	.7
Padre/Religião	2	.7
Psicanálise	7	2.6
Outro	3	1.1
Já ouviu falar em psicanálise?		
Sim	270	98.5
Não	2	.7
Não tenho a certeza	2	.7

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

	N	%
Em que contexto ouviu falar em psicanálise?		
Nenhum	2	.7
Em aula	133	48.7
Livro	42	15.4
Durante o tratamento	7	2.6
Através de um amigo	27	9.9
Imprensa	44	16.1
Outro	18	6.6
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa?		
Divã	12	4.4
Freud	67	24.5
Médico	9	3.3
Psicólogo	21	7.7
Farsa	1	.4
Cura	4	1.5
Hipnose	1	.4
Auto-conhecimento	19	7
Tratamento	9	3.3
Associação livre	1	.4
Sexo	1	.4
Trauma	4	1.5
Freud e hipnose	16	5.9
Freud, psicólogo e tratamento	24	8.8
Freud e sexo	4	1.5
Freud, trauma e auto-conhecimento	8	2.9
Auto-conhecimento e associação livre	14	5.1
Freud, psicólogo e associação livre	8	2.9
Sexo e trauma	9	3.3
Cura, associação livre e tratamento	10	3.7
Auto-conhecimento, tratamento e psicólogo	12	4.4
Cura, auto-conhecimento e trauma	8	2.9
Divã, médico e hipnose	10	3.7
Hipnose, associação livre e tratamento	1	.4
Tem uma ideia sobre o que é a psicanálise?		
Sim	212	77.1
Não	8	2.9
Não tenho a certeza	55	20
Na sua opinião, o que é a psicanálise?		
Não tenho opinião formada	25	9.1
Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental	34	12.4
Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental, porém distinto da psicanálise	27	9.9
Um método de tratamento psicológico	61	22.3
Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicologia	39	14.2
Um método de tratamento ineficaz	2	.7
Um meio de auto-conhecimento	85	31

	N	%
A psicanálise pode ser considerada:		
Uma ciência	97	36.2
Uma teoria sem fundamento	3	1.1
Uma teoria com fundamento	141	52.6
Uma teoria ultrapassada	8	3
Não é ciência	7	2.6
Não é ciência e nem teoria	12	4.5
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e psicologia?		
Sim	225	84.9
Não	40	15.1
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e medicina geral?		
Sim	233	90.3
Não	25	9.7
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e medicina geral?		
Sim	251	97.3
Não	7	2.7
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise, psicologia e psiquiatria?		
Sim	246	96.9
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise, psicologia e psiquiatria e outras especialidades da medicina?		
Sim	250	96.2
Não	10	3.8
Já ouviu falar em Freud?		
Sim	271	98.5
Não	4	1.5
Já ouviu falar em Melanie Klein?		
Sim	85	30.9
Não	190	69.1
Já ouviu falar em Bion?		
Sim	47	17.1
Não	228	82.9
Já ouviu falar em Winnicott?		
Sim	60	21.8
Não	215	78.2
Já ouviu falar em Lacan?		
Sim	61	22.3
Não	213	77.7

Tabela 2 – Estatística descritiva da variável idade.

N	M	DP	Assim.	Curt.	Ampl.
275	31.79	10.5	.86	-.16	18-60

Tabela 3 – Diferenças entre quem recorreu a um tratamento e as palavras que associa a psicanálise

A quem recorreu para Tratamento						
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
	Divã	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud	10 26.3%	4 13.3%	2 10.5%	4 40%	0 0%
	Médico	0 0%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Psicólogo	1 2.6%	1 3.3%	1 5.3%	2 20%	0 0%
	Farsa	1 2.6%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Cura	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Hipnose	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Auto-Conhecimento	2 5.3%	2 6.7%	3 15.8%	0 0%	0 0%
	Tratamento	2 5.3%	1 3.3%	0 0%	1 10%	0 0%
	Associação Livre	0 0%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Sexo	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Trauma	1 2.6%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%

A quem recorreu para Tratamento						
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
	Freud e Hipnose	3 7.9%	2 6.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Freud, Psicólogo e Tratamento	3 7.9%	5 16.7%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud e Sexo	2 5.3%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud, Trauma e Auto-Conhecimento	2 5.3%	1 3.3%	1 5.3%	1 10%	0 0%
	Auto Conh. e Ass. Livre	1 2.6%	5 16.7%	4 21.1%	1 10%	1 100%
	Freud, Psicólogo e Associação Livre	0 0%	4 13.3%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Sexo e Trauma	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Cura, Associação Livre e Tratamento	2 5.3%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Auto-Conhecimento, Tratamento e Psicólogo	1 2.6%	0 0%	2 10.5%	1 10%	0 0%
	Cura, Auto-Conhecimento e Trauma	2 5.3%	2 6.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Divã, Médico e Hipnose	1 2.6%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud, Psicólogo e Associação Livre	0 0%	4 13.3%	1 5.3%	0 0%	0 0%

Nesta Tabela 3 podem ser analisadas as palavras que um sujeito que já tenha recorrido a tratamento associa ao conceito de Psicanálise. Como se pode verificar, os respondentes que afirmaram ter tido um qualquer problema psicológico e os que não tinham a certeza de o ter tido, associaram as seguintes palavras a Psicanálise: *Divãs*, 5.3% para os indivíduos que não recorreram a ninguém para o seu tratamento; *Freud*, 26.3% para quem não recorreu a ninguém, 13.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico; *Psicólogo*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

psicólogo, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra e 20% para quem recorreu ao médico; *Farsa*, 2.6% dos indivíduos que não pediu ajuda a ninguém; *Auto conhecimento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 15.8% para quem recorreu ao psiquiatra; *Tratamento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao psicólogo e 10% para quem recorreu ao médico; *Associação livre*, 5.3% dos indivíduos que recorreram ao psiquiatra; *Trauma*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Freud e hipnose conjugadas*, 7.9% para os indivíduos que não recorreram a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Freud, psicólogo e tratamento*, 7.9% para quem não recorreu a ninguém e 16.7% para quem recorreu ao psicólogo; *Freud e Sexo*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém e 3.3% para quem recorreu ao psicólogo; *Freud, trauma e auto conhecimento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% a quem recorreu ao psicólogo, 5.3% a quem recorreu ao psiquiatra e 10% a quem recorreu ao médico; *Auto conhecimento e associação livre*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 16.7% a quem recorreu ao psicólogo, 21.1% ao psiquiatra, 10% a quem recorreu ao médico e 100% a quem recorreu a outro método de tratamento; *Freud, psicólogo e associação livre*, 13.3% a quem recorreu para tratamento ao psicólogo e 5.3% a quem recorreu ao psiquiatra; *Sexo e trauma*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém; *Cura, associação livre e tratamento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *auto conhecimento, tratamento e psicólogo*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 10% para quem recorreu ao médico; *Cura, auto-conhecimento e trauma*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Divã, médico e hipnose*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém e 3.3% para o grupo que recorreu ao psicólogo; e *Freud, psicólogo e associação livre*, 13.3% para o grupo que recorreu ao psicólogo para o tratamento, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra.

Tabela 4 – Diferenças de opinião sobre psicanálise entre sujeitos que recorreram a tratamento

	A quem recorreu a Tratamento					
		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
Na sua opinião o que é a psicanálise ?	Não tenho opinião formada	2 5.3%	5 16.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental	7 18.4%	1 3.3%	1 5.3%	1 10%	0 0%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia	2 5.3%	4 13.3%	2 10.5%	1 10%	0 0%
	Um método de tratamento psicológico	8 21.1%	10 33.3%	2 10.5%	4 40%	0 0%
	Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise	5 13.2%	5 16.7%	3 15.8%	0 0%	1 100%
	Um método de tratamento ineficaz	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Um meio de auto conhecimento	12 31.6%	5 16.7%	10 52.6%	4 40%	0 0%

As diferenças de percepção sobre Psicanálise entre sujeitos que recorreram o tratamento são analisadas nesta Tabela 4.

Como se pode verificar nesta tabela, os sujeitos que afirmaram ter tido um problema psicológico e os que não tinham a certeza de o ter tido e que no entanto recorreram a algum tipo de tratamento, revelaram as seguintes opiniões da Psicanálise: Não tenho opinião formada, 5.3% dos indivíduos que não recorreram a ninguém para o tratamento, 16.7% para quem recorreu a tratamento com psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; Um método de tratamento eficaz de saúde mental, 18.4% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao psicólogo, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra e 10% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 13.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatria e 10% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento psicológico 21.1% para quem não recorreu a ninguém, 33.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento psicológico, porém distinto

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

da psicanálise 13.2% para quem não recorreu a ninguém para o tratamento, 16.7% para quem recorreu ao psicólogo, 15.8% para quem recorreu ao psiquiatra e 100% para quem recorreu a outro tipo de tratamento; Um método de tratamento ineficaz, 5.3% dos indivíduos que não recorreu a ninguém para o tratamento; e um meio de auto-conhecimento, 31.6% para quem não recorreu a nenhum tipo de tratamento, 16.7% para quem recorreu a um psicólogo, 52.6% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico.

Tabela 5 – Diferenças de opinião de quem recorreu a um tratamento e como a psicanálise pode ser considerada

	A quem recorreu a Tratamento					
		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
A psicanálise pode ser considerada:	Uma ciência	11 28.9%	11 37.9%	7 36.8%	4 44.4%	1 100%
	Uma teoria sem fundamento	1 2.6%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Uma teoria com fundamento	22 57.9%	14 48.3%	10 52.6%	4 44.4%	0 0%
	Uma teoria ultrapassada	1 2.6%	1 3.4%	2 10.5%	0 0%	0 0%
	Não é ciência	3 7.9%	0 0%	0 0%	1 11.1%	0 0%
	Não é ciência nem teoria	0 0%	3 10.3%	0 0%	0 0%	0 0%

As diferenças de opinião entre a quem recorreu ao tratamento e como a Psicanálise pode ser considerada constam na anterior Tabela 5.

Como nela se verifica, os indivíduos, que tiveram um problema psicológico e os que não tinham a certeza de terem tido um problema psicológico e que no entanto recorreram a algum tipo de tratamento, consideram a Psicanálise: Uma ciência, 28.9% dos indivíduos que não recorreu a ninguém para o tratamento, 37.9% para quem recorreu a tratamento com psicólogo, 36.8% para quem recorreu ao psiquiatra, 44.4% para quem recorreu ao médico e 100% para quem recorreu a outro tipo de tratamento; Uma teoria sem fundamento, 2.6% para quem não recorreu a ninguém; Uma teoria com fundamento, 57.9% para quem não recorreu a ninguém, 48.3% para quem recorreu ao psicólogo, 52.6% para quem recorreu ao psiquiatra e

44.4% para quem recorreu ao médico; Uma teoria ultrapassada, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 3.4% para quem recorreu ao psicólogo e 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra; Não é ciência, 7.9% para quem não recorreu a ninguém para o tratamento e 11.1% para quem recorreu ao médico; Não é ciência nem teoria, 10.3% dos indivíduos que recorreram ao psicólogo.

Tabela 6 – Diferenças entre quem já teve algum problema psicológico e a quem recorreu para o seu tratamento

Já teve algum problema psicológico ?				
A quem recorreu para o tratamento?		Sim	Não	Não tenho a certeza
	Ninguém	6 9.7%	1 .6%	30 73.2%
	Psicólogo	27 43.5%	0 0%	4 9.8%
	Psiquiatra	17 27.4%	0 0%	2 4.9%
	Médico	8 12.9%	0 0%	2 4.9%
	Outro	1 1.6%	0 0%	0 0%
	Não se aplica	3 4.8%	169 99.4%	3 7.3%

As diferenças entre quem já teve algum problema psicológico e a quem recorreu para o seu tratamento são apontadas na anterior Tabela 6.

Como se verifica, os indivíduos que não recorreram a ninguém para o tratamento psicológico, 9.7% descrevem ter tido algum problema psicológico e 73.2% não tinham a certeza se tiveram ter algum problema psicológico. Os indivíduos que recorreram ao tratamento com o profissional de psicologia, 43.5% referiram ter tido um problema psicológico e 9.8% não tinham a certeza de ter ou não um problema psicológico. Os indivíduos que se trataram com o psiquiatra, 27.4% tinham a certeza de ter tido um problema psicológico, enquanto 4.9% dos indivíduos que recorreram ao psiquiatra relataram não ter a certeza de ter tido um problema psicológico. Dos indivíduos que recorreram a um médico para tratamento, 12.9% referiram ter a certeza de ter tido um problema psicológico e 4.9% não tinham a certeza de ter tido um

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

problema psicológico. Um ponto seis por cento dos indivíduos que procuraram ajuda a outro tipo de tratamento relatam ter tido a certeza de ter sofrido um problema psicológico.

Tabela 7 – Diferenças profissionais sobre o que é a psicanálise

Na sua opinião, o que é a psicanálise?	Profissão							
		Estudante	Médico	Psicólogo	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Não tenho opinião formada	9 11.4%	1 7.7%	0 0%	4 6.3%	0 0%	2 10%	9 10.6%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental	10 12.7%	1 7.7%	0 0%	10 15.9%	0 0%	1 5%	12 14.1%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia	6 7.6%	1 7.7%	2 16.7%	7 11.1%	0 0%	2 10%	9 10.6%
	Um método de tratamento psicológico	23 29.1%	3 23.1%	3 25%	7 11.1%	1 50%	8 40%	16 18.8%
	Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise	14 17.7%	2 15.4%	3 25%	4 6.3%	0 0%	3 15%	13 15.3%
	Um método de tratamento ineficaz	0 0%	1 7.7%	0 0%	1 1.6%	0 0%	0 0%	0 0%
	Um meio de auto conhecimento	16 20.3%	4 30.8%	4 33.3%	30 47.6%	1 50%	4 20%	26 30.6%

As diferenças de opinião sobre Psicanálise por profissão constam, por sua vez, na anterior Tabela 7.

Como nela se constata, dos indivíduos que não tinham opinião formada do que era a Psicanálise, 11.4% eram estudantes, 7.7% eram médicos, 6.3% eram professores, 10% eram engenheiros, 10.6% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento eficaz de saúde mental, 12.7% eram estudantes,

7.7% eram médicos, 15.9% eram professores, 5% eram engenheiros, 14.1% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia, 7.6% eram estudantes, 7.7% eram médicos, 16.7% eram psicólogos, 11.1% eram professores, 10% eram engenheiros, 10.6% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um método de tratamento psicológico, 29.1% eram estudantes, 23.1% eram médicos, 25% eram psicólogos, 11.1% eram professores, 50% eram artistas, 40% eram engenheiros, 18.8% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise 17.7% eram estudantes, 15.4% eram médicos, 25% eram psicólogos, 6.3% eram professores, 15% eram engenheiros, 15.3% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um método de tratamento ineficaz, 7.7% eram médicos e 1.6 eram professores. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um meio de auto conhecimento, 20.3% eram estudantes, 30.8% eram médicos, 33.3% eram psicólogos, 47.6% eram professores, 50% eram artistas, 20% eram engenheiros, 30.6% tinham outra profissão não referida.

Tabela 8 – Diferenças de opinião sobre como a psicanálise pode ser considerada

	Profissão							
		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
A psicanálise pode ser considerada?	Uma ciência	24 30%	2 15.4%	1 9.1%	31 50.8%	1 50%	8 42.1%	30 36.6%
	Uma teoria sem fundamento	1 1.3%	0 0%	0 0%	1 1.6%	0 0%	0 0%	1 1.2%
	Uma teoria com fundamento	47 58.8%	10 76.9%	8 72.7%	24 39.3%	1 50%	10 52.3%	41 50%
	Uma teoria ultrapassada	2 2.5%	1 7.7%	0 0%	2 3.3%	0 0%	0 0%	3 3.7%
	Não é ciência	1 1.3%	0 0%	2 18.2%	1 1.6%	0 0%	0 0%	3 3.7%
	Não é ciência nem teoria	5 6.3%	0 0%	0 0%	2 3.3%	0 0%	1 5.3%	4 4.9%

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

As diferenças de opinião sobre como a Psicanálise pode ser considerada podem ser observadas na anterior Tabela 8.

Verificamos que dos indivíduos que consideram a Psicanálise uma ciência, 30% são estudantes, 15.4% eram médicos, 9.1% eram psicólogos, 50.8% eram professores, 50% são artistas, 42.1% engenheiros, 36.6% referem outra profissão. Os indivíduos que consideram a psicanálise uma teoria sem fundamento, 1.3% dizem-se estudantes, 1,6% professores e 1.2% apontam outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a psicanálise uma teoria com fundamento, 58.8% são estudantes, 76.9% médicos, 72.7% psicólogos, 39.3% professores, 50% artistas, 52.3% engenheiros e 50% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a Psicanálise uma teoria ultrapassada, 2.5% são estudantes, 7.7% médicos, 3.3% professores e 3.7% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a Psicanálise não é ciência 1.3% são estudantes, 18.2% eram psicólogos, 1.6% professores e 3.7% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que não consideram a Psicanálise teoria nem ciência, 6.3% são estudantes, 3.3% professores, 5.3% engenheiros e 4.9% referem outra profissão, que não especificam.

Tabela 9 – Diferenças entre a psicanálise e a psicologia por profissão

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	63 80.8%	11 84.6%	12 100%	54 88.5%	2 100%	14 70%	69 87.3%
	Não	15 19.2%	2 15.4%	0 0%	7 11.5%	0 0%	6 30%	10 12.7%

As diferenças profissionais sobre a Psicanálise e a Psicologia podem ser aqui analisadas nesta Tabela 9.

Como se vê, dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre psicanálise e psicologia, 19.2% eram estudantes, 15.4% eram médicos, 11.5% eram professores, 30% eram engenheiros e 12.8% tinham outra profissão não referida.

Tabela 10 – Diferenças entre a psicanálise e a psiquiatria por profissão

Profissão								
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psiquiatria?		Estud.	Médico	Psí.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	73 92.4%	12 100%	12 100%	50 86.2%	2 100%	19 95%	65 86.7%
	Não	6 7.6%	0 0%	0 0%	8 13.8%	0 0%	1 5%	10 13.3%

E estas são as diferenças entre psicanálise e psiquiatria (Tabela 10), por diferentes profissões. Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise e Psiquiatria, 7.6% eram estudantes, 13.8% eram professores, 5% eram engenheiros e 13.3% tinham outra profissão não referida.

Tabela 11 – Diferenças entre a profissão e se existem diferenças entre a psicanálise e a medicina geral

Profissão								
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e medicina geral?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	77 98.7%	12 100%	12 100%	55 94.8%	2 100%	20 100%	73 96.1%
	Não	1 1.3%	0 0%	0 0%	3 5.2%	0 0%	0 0%	3 3.9%

E as diferenças entre Psicanálise e Medicina geral, segundo as profissões indicadas (Tabela 11). Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre psicanálise e medicina geral, 1.3% eram estudantes, 5.2% eram professores e 3.9% tinham outra profissão não referida.

Tabela 12 – Diferenças entre a psicanálise e a psicologia e a psiquiatria, por profissão

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia e psiquiatria?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	72 91.1%	12 100%	12 100%	55 91.7%	2 100%	20 100%	73 94.8%
	Não	7 8.9%	0 0%	0 0%	5 8.3%	0 0%	0 0%	4 5.2%

Desta Tabela 12, dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, 8.9% eram estudantes, 8.3% eram professores e 5.2% tinham outra profissão não referida.

Tabela 13 – Diferenças profissionais entre a psicanálise, a psicologia, a psiquiatria e a medicina geral

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia, psiquiatria e medicina geral?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	76 97.4%	12 100%	12 100%	56 96.6%	12 100%	19 95%	73 93.6%
	Não	2 2.6%	0 0%	0 0%	2 2.4%	0 0%	1 5%	5 6.4%

Desta Tabela 13 constam as diferenças entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, por profissão. Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, 2.6% eram estudantes, 2.4% eram professores, 5% eram engenheiros e 6.4% tinham outra profissão não referida.

Tabela 14 – Diferenças profissionais sobre se já ouviu falar em Freud

Profissão								
Já ouviu falar em Freud?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	80 100%	13 100%	12 100%	62 98.4%	2 100%	20 100%	82 96.5%
	Não	0 0%	0 0%	0 0%	1 1.6%	0 0%	0 0%	3 3.5%

Tabela 15 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Melanie Klein

Profissão								
Já ouviu falar em Melanie Klein?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	28 35%	2 15.4%	12 100%	16 25.4%	2 100%	4 20%	21 24.7%
	Não	52 65%	11 84.6%	0 0%	47 74.6%	0 0%	16 80%	64 75.3%

Tabela 16 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Bion

Profissão								
Já ouviu falar em Bion?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	10 12.5%	3 23.1%	11 91.7%	10 15.9%	1 50%	1 5%	11 12.9%
	Não	70 87.5%	10 76.9%	1 8.3%	53 84.1%	1 50%	19 95%	74 87.1%

Tabela 17 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Winnicott

Profissão								
Já ouviu falar em Winnicott?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	18 22.5%	0 0%	11 91.7%	15 23.8%	1 50%	2 10%	13 15.3%
	Não	62 77.5%	13 100%	1 8.3%	48 76.2%	1 50%	18 90%	72 84.7%

Tabela 18 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Lacan

		Profissão						
Já ouviu falar em Lacan?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	13 16.5%	0 0%	12 100%	17 27%	2 100%	4 20%	13 15.3%
	Não	66 83.5%	13 100%	0 0%	46 73%	0 0%	16 80%	72 84.7%

Agora, nestas Tabelas de 14 a 18 podem ser observadas, sucessivamente, as diferenças sobre o conhecimento de Freud, Melanie Klein, Wilfred Bion, Winnicott e Lacan, por profissão. Desde logo, parece muito significativo que uma grande percentagem de respondentes não tenha ouvido falar destes conhecidos psicanalistas. Como se trata de uma simples leitura, não se repetem aqui essas tão importantes e significativas percentagens, que ficam assinaladas, entretanto, nas respectivas tabelas, a negrito. Como resultado, o referido desconhecimento é tanto mais importante quanto se trata de um desconhecimento referido por médicos e psicólogos. No capítulo da Discussão será tratado em especialidade.

Para terminar, outro importante resultado é apresentado na Tabela 19, que se segue:

Tabela 19 – Diferenças de contexto sobre o local em que se ouviu falar de psicanálise e sobre o que é a psicanálise

Tem uma ideia sobre o que é a psicanálise?				
Em que contexto ouviu falar em psicanálise?		Sim	Não	Não tenho a certeza
	Nenhum	0 0%	0 0%	2 3.7%
	Em aula	112 52.8%	0 0%	21 38.9%
	Livro	39 18.4%	0 0%	3 5.6%
	Durante o tratamento	6 2.8%	0 0%	1 1.9%
	Através de um amigo	21 9.9%	2 28.6%	4 7.4%
	Imprensa	23 10.8%	4 57.1%	17 31.5%
	Outro	11 5.2%	1 14.3%	6 11.1%

Nesta Tabela final, constam então as diferenças referidas sobre a ideia do que será a Psicanálise e em que contexto ouviu falar dela.

De referir que só uma pequena percentagem (3.7%) dos respondentes não tem a certeza do que é a Psicanálise e relata nunca terem ouvido falar na Psicanálise. Aproximadamente metade (52.8%) dos sujeitos afirma ter ouvido falar da Psicanálise em contexto académico (aula), tendo uma ideia do que ela seja, enquanto 38.9% que ouviram falar de Psicanálise em sala de aula relatam não ter a certeza do efectivamente seja. Por sua vez, 18.4% dos indivíduos que ouviram referir Psicanálise nos livros relatam ter uma ideia do que seja e só apenas 5.6% dos mesmos relatam não ter a certeza do que seja. Entretanto, 2.8% dos indivíduos que ouviram falar da psicanálise no contexto de tratamento relatam ter uma ideia do que seja a Psicanálise e só 1.9% dos mesmos relata não ter a certeza disso. Daqueles que ouviram falar da psicanálise através de um amigo, 9.9% relata ter uma ideia do que é a Psicanálise, enquanto 7.4% deles relata não ter a certeza do que seja e 28.6% desses mesmos inquiridos não sabem o que seja. Por sua vez, 10.8% dos sujeitos que ouviram falar da psicanálise em pela imprensa relatam ter uma ideia do que é a psicanálise, 31.5% relatam não ter a certeza do que seja e 57.1% referem não saber o que seja. Apenas 5.2% dos indivíduos que ouviram falar da psicanálise em outro contexto não expressamente referido têm uma ideia do que é a psicanálise, 11.1% deles relata não ter a certeza do que seja e 14.3% referem não saber o que seja efectivamente a Psicanálise.

Discussão crítica dos resultados

O que nos dizem estes resultados?

Quando é perguntado aos inquiridos se já tiveram algum problema psicológico e a quem recorreram, as respostas dadas parecem não deixar grande margem para dúvidas: dos que pediram ajuda – pois houve um número ainda considerável (13.9%) que não pediu qualquer ajuda e a grande maioria dos entrevistados disseram não ter tido qualquer problema psicológico – *ninguém pediu ajuda a um psicanalista.*

O panorama também não se revela animador quando a questão é declinada no futuro. Caso tivesse um problema psicológico, a grande maioria (70.1%) recorreria ao psicólogo, e os restantes, por ordem decrescente, ao psiquiatra e ao médico, e até – se bem que em menor número – a terapias naturais e à religião. A Psicanálise atrairia apenas 1.1% dos inquiridos. Por aqui se verifica que a Psicologia parece ter conseguido suplantar todas as ofertas tradicionais no domínio «psi», enquanto a Psicanálise se mantém ao nível das terapias naturais ou mesmo da religião. Poder-se-ia ficar simplesmente, com base nisto, esmagado pela frieza dos números e concluir, talvez de modo precipitado, que, em Portugal, a Psicanálise é inexistente.

Mesmo que se admitisse, por hipótese, que tal é verdade, isso era apenas uma constatação *de facto* e não uma explicação *de direito*. Neste aspecto, os números não falam, carecem de conceito, como dizia Kant da experiência. Como perguntava Maria Belo há alguns anos, no final de uma comunicação de Pedro Luzes, durante umas Jornadas de Estudo consagradas aos «Cem anos sobre o sonho “A injeção dada a Irmã” de Sigmund Freud», será que há uma «resistência», ou uma espécie de «recalcamento» dos portugueses relativamente à Psicanálise? Haverá aqui algo da ordem de uma «não-inscrição», no sentido em que dela fala José Gil no livro já citado (2005)? Sendo nós, segundo o autor, «o país da não-inscrição», será que também a Psicanálise sofreria de um mal idêntico?

Talvez seja precipitado e pouco exacto dizer que a Psicanálise é inexistente, como sugerimos mais atrás com base nos resultados que apresentámos, ou que não se tenha *inscrito*. Na verdade, de um certo ponto de vista, ela *inscreveu-se*. Para dar um exemplo, a grande maioria dos inquiridos (98.5%) já ouviu falar de Psicanálise e de Freud – um pouco menos de outros psicanalistas como Melanie Klein, Bion, Lacan – e tem uma «ideia» do que seja a psicanálise. Isto significa que as palavras «Freud» e «Psicanálise» se inscreveram «simbólica» e «imaginariamente» na cultura em geral e também na cultura portuguesa. Porém, será que essa é uma boa inscrição, uma inscrição «real», como diria José Gil? Se é verdade que a grande maioria já ouviu falar de Psicanálise, também é certo que apenas um número reduzido (2.6%) diz ter tido conhecimento da Psicanálise em contexto de tratamento e, como vimos já, é ainda menor o número dos que recorreram ou pensam recorrer à psicanálise para tratar um problema «psicológico».

O que é, afinal, a Psicanálise? Qual a ideia que os inquiridos têm dela? A que associam o termo quando ouvem a palavra? Se bem que as respostas variem, as mais referidas são: um «autoconhecimento» (31%), uma «teoria com fundamento» (52.6%) ou mesmo uma ciência. Quase ninguém a vê como uma teoria ultrapassada. Por aqui se vê que há um hiato, ao nível da representação social, entre a ideia (cultural, teórica, etc.) da psicanálise e a sua tradução ou efectividade prática (clínica, terapêutica, experiencial).

Por conseguinte, a ideia de fundo, que subjaz ou atravessa as respostas dos inquiridos, talvez não seja a de que a Psicanálise é inexistente ou não-inscrita, mas uma outra: a de que a sua inscrição ou presença simbólica e imaginária não tem a devida tradução prática no espaço público, pois quando se trata de recorrer a alguém para pedir ajuda em relação com um problema «psicológico», é ao psicólogo que se recorre, ou então, ainda que em menor grau, ao psiquiatra ou até ao médico. Há, portanto, uma contradição entre a presença «cultural» de Freud e da Psicanálise e a sua presença clínico-terapêutica.

A Psicologia, segundo a representação social que dela nos é fornecida pelos inquiridos – e sobre isso os números são bastante expressivos – ocupa aqui uma posição hegemónica. Quando se trata de procurar alguém para resolver um problema do foro psíquico, é cada vez mais o psicólogo que surge como solução, relegando para as margens outras ofertas tradicionais.

Curioso, nisto, é que quando se trata de estabelecer associações mentais com a palavra «Psicanálise », uma percentagem ainda razoável (que varia entre 7.7% ou 23.8% para mais de uma palavra) associa a Psicanálise a psicólogo. Da mesma forma, uma percentagem com algum peso (20%) das pessoas que recorreram ao médico, também associa a palavra psicanálise a psicólogo. No conjunto dos que recorreram a tratamento psicológico, também se encontra uma percentagem não desprezível (16.7%) de pessoas que associam a Psicanálise não só a Freud, mas também a psicólogo e tratamento. Mais curioso, ainda, é o facto de que uma percentagem razoável (25%) de psicólogos considere que a psicanálise é um método de tratamento psicológico.

Como ler ou explicar estes dados?

Parece que há uma certa confusão que teima em manter-se – apesar de Freud se ter esforçado por desfazê-la – entre a Psicanálise e a Psicologia.

Mas talvez a questão de fundo não seja bem esta e haja necessidade de uma outra hipótese explicativa, mais consistente e actual.

Desde a altura em que Freud escreveu o seu famoso artigo de 1926 sobre a *Psicanálise Leiga* (Freud, 1985), isto é, a análise exercida por «não-médicos», até agora, alguma coisa parece ter mudado. A argumentação de Freud ia no sentido de mostrar a especificidade da Psicanálise quer em relação à Psicologia (da época) quer, em particular, à Medicina (Pereirinha, 2005). Se a Psicanálise pode, e até deve, ser exercida por «não-médicos» é porque ela não é uma medicina. É este o aspecto que parece relativamente bem estabelecido, mesmo se não deixa de ser curioso que uma certa percentagem (12.9%) dos que recorreram ao médico para tratamento não tenha a certeza se teve ou não um problema «psicológico».

A dificuldade começa a partir daqui e prende-se com a segunda parte da argumentação de Freud. Ao nível do campo psíquico, as coisas estão mal definidas, com esta ressalva: a Psicologia parece tender cada vez mais a recobrir todo o «campo psi» – da mesma forma que uma certa orientação da Psicologia, a cognitivo-comportamental, tende a recobrir todo o campo da Psicologia (Martinho, 2005) – relegando para as margens não apenas a velha Psiquiatria (cada vez mais hipotecada à Psicofarmacologia), mas também a Psicanálise. Ou então, reduzindo esta última a uma simples psicoterapia e questionando, por isso, o seu estatuto legal, clínico e epistemológico.

Se admitirmos que esta hipótese tem algum cabimento, como entender que a esmagadora maioria (84.9%) dos inquiridos tenha dito que existem diferenças entre a Psicanálise e a Psicologia?

Parece-nos que uma das possíveis explicações está no facto, já sublinhado, de que a representação ou ideia que grande parte dos inquiridos tem sobre a Psicanálise é vaga, demasiado teórica e não consentânea com a real efectividade (prática) da mesma. Tem-se a «informação», porque se ouviu dizer a outros, por exemplo a professores em contexto de aula (o peso relativo tanto de estudantes (29.1%) como de professores (22.9%) no universo dos inquiridos é apreciável) de que há – ou deve haver diferenças (apesar de 19.2% dos estudantes e 11.5% dos professores terem dito não haver diferenças), mas não se sabe ao certo em que é que isso consiste exactamente. Tal como dissemos antes, parece-nos uma ideia vaga, teórica, não concretizada e, por isso, sem tradução prática.

As perspectivas que se abrem para a Psicanálise, pelo menos em Portugal e com base nos resultados obtidos, não são muito animadoras. Mas podemos também formular a questão de um outro modo, quiçá mais pertinente e fecundo: quais os desafios que estes dados colocam à Psicanálise, aos psicanalistas e a todos os que, não sendo psicanalistas, sentem pela «coisa freudiana» um particular interesse e afinidade?

Dos possíveis desafios, indicam-se quatro. O primeiro tem a ver com a tradicional resistência dos portugueses em relação à Psicanálise (comparativamente, por exemplo, aos nossos vizinhos espanhóis, a franceses ou belgas, ou, um pouco mais longe, aos nossos irmãos brasileiros, do outro lado do Atlântico, para referir apenas alguns exemplos). A que se deve esta resistência? Será estrutural ou meramente circunstancial? Pode ser vencida? Eis algumas das questões que devem mobilizar a Psicanálise, os psicanalistas e afins.

O segundo desafio tem a ver com a prossecução do trabalho já encetado por Freud e reporta-se à questão, não inteiramente resolvida, da especificidade da Psicanálise frente a outros métodos de tratamento. Como vimos, nem sempre as diferenças são muito nítidas. O que tem a Psicanálise de singular para oferecer ao sujeito que sofre e pede ajuda?

Em terceiro lugar, poderão os psicanalistas portugueses tornar-se mais visíveis, por assim dizer, sem que tal implique a perda daquilo que os mantém como tal, a saber: serem psicanalistas?

Por último, se o presente (e o futuro) parece ser cada vez mais o domínio (nos dois sentidos do termo) das Terapias Cognitivo-Comportamentais, breves e directivas, que acabam por suprimir o que houve de «subversão do sujeito» e «dialéctica do desejo» com a invenção do inconsciente freudiano, resta a pergunta: a par de uma nova solução, não estaremos, também aqui, perante um novo sintoma do nosso tempo?

Perante a complexidade do ser humano, as vias únicas são sempre redutoras e contraproducentes (Saramago, 2005).

Referências

- Bastos, J. G. P. (2000). *Portugal Europeu, Estratégias Identitárias Inter-nacionais dos portugueses*. Lisboa: Celta.
- Erikson, E. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York: WW. Norton & Company Inc.
- Figueiredo, E. (1991). *Psicanálise da Saudade*. Lisboa: Edições O Jornal.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 1 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 2 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 3 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1994). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 4 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1985). *La Question de L'analyse Profane*. Paris: Gallimard.
- Gil, F. (1998). *Modos de Evidência*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Gil, J. (1979). "Observações sobre a Cura em psicanálise". In *Filosofia e Epistemologia II*. Lisboa: Regra do Jogo.
- Gil, J. (2004). *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lacan, J. (1987). *A Família*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Lacan, J. (1987). *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim;
- Lacan, J. (1989). *Shakespeare, Duras Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Lacerda, I. (2006). «Monólogo com o Eu». In revista *Visão* nº 686. Lisboa: Edimpresa.
- Lima, S. (2002). *Obras Completas de Sílvia Lima*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lourenço, E. (1978) *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Luzes, P. (1997). *Cem Anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA.
- Miller, J-A. (2006). *L'Anti-livre noir de la Psychanalyse*. Paris : Seuil
- Malpique, C. (1984). *A Ausência do Pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Martinho, J., Santos, P. S. e Colaço, N. (1996). *Cem anos sobre o sonho*. Lisboa: Edições Lusófonas.

- Martinho, J. (2001a). *Freud & C^a*. Coimbra: Almedina.
- Martinho, J. (2001b). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- Martinho, J. (2005). *Ditos III – Conferências Psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Miller, J. - A. (2001). *La Cause Freudienne*. Nº 48. Paris: Navarin – Seuil.
- Pereirinha, F. (2005). *Psicanálise & Arredores*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Prado Coelho, E. (1982). *Universos da Crítica*. Lisboa: Edições 70.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Saramago, J. (2005). *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vala, J, Monteiro, MB (org). (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van Rillaer, J., Pleux, D., Cottraux, J., Borch-Jacobsen, M. e Meyero, C. (2005). *Livre noir de la psychanalyse*. Paris : Éditions Les Arènes.
- Vila-Chã, J. J., Duarte, I. B., Drawin, C. R., Casalla, M., Frick, F., Schmitz-Persin, R., Morano, C. D., Causse, J-D., Pulito, M., Rocha, A. E. e Corona, N. A, Eckard, F., Tourinho, C, (2003). «Filosofia e Psicanálise – Perspectivas de Diálogo». In *Revista Portuguesa de Filosofia*. Vol. 59: 2.

ANEXO

Todas as respostas dadas a este protocolo são confidenciais, sendo utilizadas apenas para fins estatísticos. Não existem respostas correctas nem erradas, sendo assim, responda o mais honestamente possível às questões que lhe são apresentadas. Leia atentamente as instruções e circule a resposta que acha mais indicada. Se tiver dúvidas, não hesite em perguntar. Se em algum momento optar por não continuar, é livre de desistir e entregar o protocolo. Uma vez terminado o protocolo devolva-o.

Obrigada por sua colaboração e disponibilidade.

<i>Questionário</i>		Nº			
Sexo:					
Idade:	_____				
Estado Civil:	• Solteiro • Casado/União de facto • Divorciado/Separado • Viúvo				
Profissão:	<table border="0"><tr><td> • Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista </td><td> • Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____ </td></tr></table>		• Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista	• Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____	
• Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista	• Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____				
Religião:	•				
1. Já teve algum problema psicológico?					
<table border="0"><tr><td> • Sim </td><td> • Não </td><td> • Não tenho a certeza </td></tr></table>			• Sim	• Não	• Não tenho a certeza
• Sim	• Não	• Não tenho a certeza			

2. Se sim, a quem recorreu para o tratamento?

- Ninguém
- Psicólogo
- Psiquiatra
- Médico
- Bruxos
- Parapsicólogo/Terapias naturais
- Padre/Religião
- Outro _____

3. Se algum dia tivesse que recorrer a um tratamento devido a algum problema psicológico, a quem recorreria?

- Ninguém
- Psicólogo
- Psiquiatra
- Médico
- Bruxos
- Parapsicólogo/Terapias naturais
- Padre/Religião
- Outro _____

4. Já ouviu falar em Psicanálise?

- Sim
- Não
- Não tenho a certeza

5. Em que contexto ouviu falar na Psicanálise?

- Nenhum
- Em aula
- Livro
- Durante tratamento (médico ou psicológico)
- Através de um amigo
- Imprensa (jornais, revistas, filmes, programas de TV)
- Outro

6. Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa a esta?

- Divã
- Freud
- Médico
- Psicólogo
- Farsa
- Bruxaria
- Religião
- Cura
- Hipnose
- Auto-conhecimento
- Tratamento
- Associação Livre
- Sexo
- Trauma

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

7. Tem uma ideia sobre o que é psicanálise?

• Sim • Não • Não tenho a certeza

8. Na sua opinião, o que é psicanálise?

- Não tenho opinião formada
- Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental
- Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia
- Um método de tratamento psicológico
- Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicologia
- Um método de tratamento ineficaz
- Um meio de auto-conhecimento
- Bruxaria
- Seita

9. A psicanálise pode ser considerada:

- Uma ciência
- Uma teoria sem fundamento
- Uma teoria com fundamento
- Uma teoria ultrapassada
- Não é ciência
- Não é ciência e nem teoria

10. Em seu entender existe alguma diferença entre:

Psicanálise e psicologia	• Sim	• Não
Psicanálise e Medicina (especialidade de psiquiatria)	• Sim	• Não
Psicanálise e Medicina (outras especialidades que não a psiquiatria)	• Sim	• Não
Psicanálise, psicologia e psiquiatria	• Sim	• Não
Psicanálise, psicologia, psiquiatria e outras especialidades da medicina	• Sim	• Não

6. Já ouviu falar em:

Freud	• Sim	• Não
Melaine Klein	• Sim	• Não
Bion	• Sim	• Não
Winicott	• Sim	• Não
Lacan	• Sim	• Não

